

# A Universidade e a Civilização

*João Lippi*

Prof. do Departamento de Filosofia – CFH/UFSC

Aqueles que discutem os problemas da Universidade já se acostumaram a distinguir a Universidade do ensino de III Grau, e de Ensino Superior. Muitas vezes identificamos a *faculdade* com algum curso isolado, ou um pequeno conjunto de cursos de nível superior, isto é posterior ao II Grau ou ensino médio. Mesmo os que não seriam capazes de se explicar sobre este assunto percebem que há uma diferença entre estudar um curso que prolonga o que se aprendeu no II Grau, e a vida universitária. E percebem também que na Universidade não há propriamente “mais” aprendizagem, mas uma qualidade diferente no modo de vida.

Não é preciso muito esforço para se dar conta de que, pelo fato de na Universidade se encontrarem muitos ramos diferentes do saber, essa multiplicidade cria algo que não existe num pequeno conjunto; é verdade que convivem, no campus, alunos e professores com interesses e especificidades distintas, cursos variados, os mais diferentes laboratórios, e se acumulam livros e revistas “sobre tudo e mais alguma coisa”. Mas não é só por essa

convivência que se passa além do II Grau e do Ensino Superior isolado, mas porque a Universidade é uma instituição peculiar, que só se realiza num determinado ambiente, que exige, isso sim, a multiplicidade e a universalidade do saber.

Essa instituição tem VIII séculos, e constitui uma das criações mais características e duradouras que a Idade Média nos legou. Não só isso: ela nasceu com traços tais, que, mantidos e desenvolvidos, fizeram da universidade uma das instituições mais distintivas e marcantes, e mais benéficas também, da civilização ocidental. Em todas as civilizações complexas – as que criaram escrita, organização política estatal, clero religioso, moeda, administração pública, etc. – houve escolas, e houve escolas destinadas a estudos avançados; mas eram sempre lugares de estudo únicos, sediados apenas na capital (por exemplo em Bagdá, ou em Constantinopla) e administrados sob a alçada direta do poder político (o califa, ou o basileu, nesses casos).

A Universidade, considerada como a instituição universitária, logo no seu primeiro século de existência (o século XIII) levantou marcos que a distinguiriam de todos os outros sistemas tradicionais de ensino superior; e esses marcos podemos sinalizá-los nas três características do saber: **livre, universal e cosmopolita**.

Livre, porque sempre manteve o lema de sua independência contra qualquer poder: já no início do século XIII, em Paris se ensinava Aristóteles, apesar da proibição do Papa; meio século depois os professores entraram em greve contra a decisão papal que concedia cátedras aos religiosos; e no início do século XIV muitos professores preferiram se demitir para não se submeter às imposições do rei. E assim se manteve esse ideal, talvez não cumprido nesta ou naquela universidade, em certas épocas ou países, mas guardado como um ideal institucional, essencial para a própria civilização que criara a universidade.

Universal, na amplitude do saber, porque desde o início e sempre definiu o saber como a curiosidade por tudo aquilo que interessa ao homem, à cultura, à sociedade; isso não quer dizer

que sempre todas as universidades vão ter curso de tudo, mas que a instituição universitária, em alguma de suas realizações concretas, mantém a possibilidade de que qualquer coisa possa ser estudada; e que cada universidade conheça essa amplitude e a realize pela contínua informação do que existe e se estuda, talvez uma informação fora das aulas, mas presente. O saber universitário torna-se assim manifesto no que ele é como ideal: a revelação de todas as potencialidades de saber e de querer saber que existem no ser humano; neste sentido, a Universidade é o homem universal, é o homem total dentro desta nossa civilização. De um modo bem distinto do nosso de hoje, a universidade do século XIII tinha uma realização de universalidade do saber mais unitária e totalizante: a Teologia era a ciência única, sob a qual e à qual todos os conhecimentos se ordenavam, e por isso nenhum conhecimento socialmente aprovado lhe era estranho. A universidade era teológica porque as pessoas viviam teologicamente (o que não é o mesmo que santamente). Ora por mais que hoje estejamos fragmentados e dessacralizados a nossa busca na Universidade continua a mesma: a da totalidade na unidade.

Cosmopolita porque a instituição universitária nasceu com o espírito de expansão que animou o cristianismo desde sua mensagem inicial, e que o cristianismo medieval realizou de formas variadas e nem sempre pacíficas; mas ao contrário das manifestações violentas dessa expansão, a universidade só se disseminou como ação intelectual. Por isso, pouco mais de um século depois das fundações pioneiras de Bolonha, Paris e Oxford, todas as nações européias já tinham a sua universidade, porque como instituição é próprio dela estar em toda a parte: mais do que isso, a universidade é cosmopolita porque recebe em si mesma, em cada uma de suas realizações locais, tudo o que há de humano, e se interessa por todos os povos e culturas; é cosmopolita também porque em qualquer cidade ou nação a universidade acolhe todos os estudante e todos os professores. Tem sido assim desde o início, porque o intercâmbio de docentes e acadêmicos sempre foi livre – sujeito apenas, como hoje, às

normas que controlam e evitam os abusos: qualquer estudante de qualquer reino podia ir para outra universidade, e o mesmo se passava com professores – o corpo docente era geralmente multinacional. A universidade não distingua, e não distingue, origens nacionais, porque ela é do mundo, ela é o microcosmo, a realização deste mundo que a grande sociedade nos deixou. As exceções nunca foram aceitas como ideais, mas sempre como circunstâncias incômodas.

Como instituição ocidental, pela sua natureza, características, amplitude e perenidade, a universidade é o microcosmo da nossa civilização. Ela realiza, no seu pequeno espaço, e com as limitações particulares de cada caso, o ideal (imperfeito) da plenitude da civilização no campo do saber. O universitário não é pois apenas um estudante de ensino superior, ou um acadêmico, ele é uma pessoa na qual devem se refletir todos os traços de uma tradição intelectual antiga e complexa. O universitário está numa espécie de “centro do mundo”, onde o patrimônio intelectual de muitos séculos e nações se conserva, transmite, e transforma. Mas o universitário não se dá conta disso porque a própria instituição se esquece de suas raízes e de sua importância; se esquece de sua herança e de seu poder. Nós não estamos na universidade para ensinar ou aprender uma profissão, mas para ensinar e aprender uma civilização. Só assim os estudantes receberão força criativa: se souberem que não se pertencem, mas que eles e sua profissão estão engajados num processo de oito séculos: o de recriar continuamente o Ocidente através da Universidade. Se não lhes ensinarmos essa consciência, se eles não compreenderem, empobreceremos a vida universitária, e a reduziremos a um treinamento profissional sem mais atrativos nem consequências do que um aumento salarial. Temos que saber que fazemos parte de uma sociedade muito maior, cujas raízes estão muito antes da própria criação universitária: sem essa consciência sequer o salário que nos sustenta fará sentido.

*Quem, de três milênios,  
Não é capaz de se dar conta  
Vive na ignorância, na sombra  
À mercé dos dias, do tempo.*

Goethe

Talvez ninguém duvide, hoje em dia, que a civilização está passando por uma séria crise de identidade; essa crise só pode ser superada por aqueles que a conhecem, e não é demais dizer que a universidade tem, neste processo, um papel fundamental.

O aluno universitário tem carências de preparação em cultura geral; seja qual for a origem dessa deficiência, uma parte dela vem do meio acadêmico em si mesmo, que fez do aluno um funcionário do estudo, com horas e tarefas marcadas e limitadas. Ora a cultura geral é o grande meio que nos enquadra no tempo e no espaço, que agiliza a possibilidade intelectual de fazer relações entre idéias; esse quadro, histórico, geográfico, artístico, faz com que aquilo que se aprende receba sentido dentro da expressão humana de uma grande coletividade – disseminada, prolongada por gerações, envolvida pelos mesmos valores e critérios. É a esse tipo de sociedade que chamamos uma civilização, e é esse sentimento de pertença a uma civilização que nós adquirimos quando aprendemos *cultura geral* – algo que só os imediatistas consideram supérfluo. Saber-se parte, e ator, de uma grande civilização ajuda a situar conceitos, umas vezes para relativizá-los, outras para ampliá-los, e sobretudo fornece paradigmas de referência onde as informações recebem significado.

O que devemos fazer é uma viagem filosófica, ou seja, uma descida ao interior de nós mesmos na busca da origem da civilização que dá sentido ao nosso modo de viver, e na busca da amplificação do nosso sentir o mundo de hoje.

Nem todos têm a mesma percepção simbólica, histórica, e social da sua pertença à tradição do Ocidente: cada um realiza, de modo pessoal, um modo próprio de existir; todos somos parte de uma grande sociedade, cujas origens são greco-romanas,

judaico-germânicas, européias e americanas, e cada um pode desenvolver e exprimir à sua maneira essa concepção cultural civilizatória. Alguns sentir-se-ão parte desta grande sociedade pelo seu trabalho político, outros pela apreciação da arte, outros porque entram na corrente das descobertas científicas. Não é indispensável *ir à Atenas*, como não é indispensável ser filósofo, para viver conscientemente como cidadão do Ocidente. Mas todos deveríamos poder alguma vez voltar às origens, se quiséssemos. É preciso deixar oportunidade para aqueles que querem sentir-se mais integrados neste espaço-tempo único e peculiar, venerar e admirar, com verdadeiro espanto filosófico, os símbolos do nascimento do Ocidente. Não há maneira única de se aprofundar na consciência da sua cultura; cada um deve vivê-la a seu modo, e deixar que outros vivam de outro modo. Só temos que entender, que defender, que é próprio da universidade esse tipo de formação, e de variedade de oportunidades; e que talvez fôssemos mais sérios, e mais consequentes como seres humanos, se ao menos alguns médicos conhecessem o lugar onde Hipócrates fez o seu juramento, e alguns engenheiros esportistas conhecessem os antigos ginásios, e os artistas fossem ver os teatros clássicos, porque talvez então tivessem uma compreensão mais profunda e humana do sentido de suas profissões.